

UM CERTO JESUS:

encontros com Cristo

Por Wilson Gorj

I.

Encontrei-me com Jesus. Ele atirava pedras no lago.

— Mestre...

— Sim?

— O que me diz dos pastores que o representam perante o povo?

— Refere-se a esses tipos que estão na TV e no Plenário?

— Exato, mestre.

— Não falemos deles.

— Mas, Jesus...

— Pegue uma pedra.

— Para quê?

— Faça-a saltar na água.

— Mestre, eu gostaria de uma resposta para...

— Olhe.

E Jesus fez quicar uma pedra três vezes na superfície.

— Viu? — apontou, entusiasmado. — Um arremesso perfeito.

E depois, sereno:

— A pedra encrespou a água, mas veja o lago: permanece tranquilo.

Fui embora. Juro que não entendo nada dessas metáforas religiosas.

II.

Jesus cortava os cabelos.

— Vê se não corta muito — ia dizendo ao cabeleireiro, um homem de aspecto rude, a barba tão espessa que lhe escondia os lábios.

Quando Jesus me viu ali, foi logo me avisando:

— Chegou em boa hora. Agora é a sua vez.

— Não, Mestre. Obrigado. Meu cabelo está de bom tamanho.

Jesus olhou, cúmplice, para o outro barbudo. Parecia se conter para não rir.

— É a sua vez — repetiu. — Pegue a tesoura.

O homem passou-a para mim. De perto consegui ver sua boca. Sorria.

— Mas, mestre... — argumentei, voltando-me para Cristo — talvez não seja uma boa

ideia. Mal sei manejar isso.

— Como não? É simples demais. Basta abrir e fechar. Venha. Quero que apare um pouco essa minha juba.

Obedeci. Um pouco receoso, mas cortei. Cortei, cortei... De nada adiantava, porém. Não adiantava porque o cabelo de Jesus permanecia sempre o mesmo. Desconfiei de que ele estivesse me pregando uma peça, algum milagre gaiato.

— Qual o propósito disso? — perguntei, por fim. — Seus cabelos não diminuem com os cortes.

Cristo e seu amigo, dessa vez, não contiveram o riso.

Só então me dei conta. Pelo chão não havia nenhum sinal de cabelos cortados, e a tesoura... Olhei-a bem: as duas lâminas não tinham fio. Não serviam para cortar.

Devolvi a tesoura, irritado:

— Tome esse instrumento inútil.

— Eu não diria “inútil” — rebateu Jesus, passando o dedo sobre umas das lâminas. — O termo correto seria “cego”.

Estava claro que ele não se referia à tesoura.

III.

E lá estava ele, cochilando debaixo da maceira. Ao me aproximar, encontrei ao seu redor algumas maçãs devoradas. Chamei-o:

— Mestre.

Jesus acordou rápido, os olhos arregalados de susto.

— Me desculpe — disse-lhe eu. — Não quis assustá-lo.

— Não foi nada. Na verdade, devo agradecê-lo.

— Agradecer de quê?

— Você me salvou de um pesadelo.

Nós dois estávamos sentados. Ele ficou em pé.

— Dormir de barriga cheia não dá bons sonhos — sentenciou.

— E o pesadelo, sobre o que era?

— Perguntas, perguntas... — ele rebateu, impaciente. Mas depois suavizou, brincalhão:

— Deveriam colocar um anzol na sua boca.

Pensei no anzol: seu formato de interrogação. Boa metáfora.

— Bem, eu sonhava — continuou Jesus — que me conduziam de novo para a cruz.

— De fato, um pesadelo inquietante — concluí, meio desinteressado. Afinal, quem não conhece a história da crucificação?

— Mas a cruz era diferente.

- Diferente como?
- Era eu. Meu corpo feito cruz. Tentavam pregar-me em mim.
- Credo...
- Ainda bem que fui salvo a tempo.
- Olhei suas mãos. Sangravam. Ele limpou-as no manto.
- Estão sujas de maçã — desculpou-se, sem muita convicção.
- E, trepando na macieira:
- Vou pegar mais. Quer uma maçã?

IV.

Jogávamos dominó, eu e Cristo.

— O que está o incomodando? — ele me perguntou. — Hoje você não fez nenhuma de suas perguntas.

Relutei em falar. O que fiz foi pôr a minha peça na mesa, após a dele, fazendo uma curva no desenho dos dominós em sua direção.

— Fale, vai. Desabafe — ele insistiu.

— Sabe, Mestre... Tenho pensado no Paraíso.

— E?

— Não o quero.

— Posso saber por quê?

— Lá estarão essas pessoas que vivem julgando os outros e dizendo que tudo é pecado. Gente a gritar que este mundo é do Diabo. Que invoca o seu nome para tudo. Não os suportou.

— Mas quem disse que você irá para o Paraíso? — Jesus me olhava com deboche, enquanto colocava mais uma peça no jogo.

— Então para onde vou, Mestre? Para o inferno?

— Não se preocupe. Esse lugar não existe. Mas, se ganhar de mim, prometo que revelo para onde você vai.

Empenhei-me no jogo. Contudo, como era esperado, novamente perdi.

E foi assim que nos despedimos. Cristo foi para um lado e eu... Eu continuei sem saber para onde ia.

V.

Na colina, eu procurava por Jesus quando, a poucos metros, avistei um lobo enorme. O medo não me deu tempo de pensar: fugi. Correndo, saltei na primeira árvore que encontrei; escalei e trepei no galho mais alto que consegui. Torci para que o lobo não tivesse a mesma habilidade. E o fato é que ele não tentou subir na árvore, mas ficou embaixo, à espera de que eu descesse. Ficaríamos ali naquele impasse — eu sem coragem para descer, ele sem vontade de subir — se Jesus não surgisse assobiando, com a naturalidade de quem se aproxima de um cão amigo.

— Pode descer — ele me tranquilizou. — O lobo não lhe fará mal.

Pensei em Pedro; precisamente, no conhecido episódio do mar revolto: ele atendendo ao chamado do Mestre, mas afundando na água por falta de confiança. Será que o lobo me atacaria?

Desci. Ou melhor, cai, pois me faltou a habilidade que o medo me emprestara para subir. Na queda, cortei a mão numa pedra pontiaguda. O lobo se aproximou e, antes que o temor me afastasse, senti sua língua lambendo meu sangue, fazendo-me cócegas na palma da mão.

— Não disse? — comentou Jesus. — Ele não é tão feroz quanto se imagina.

O lobo deixou-me em paz e foi se aconchegar nele.

— O que diriam suas ovelhas se o vissem assim, tão amigo de um lobo? — provoquei.

— Minhas? — ele estranhou. — Não tenho ovelhas.

As palavras de Jesus eram suaves; as minhas, sarcásticas:

— Os evangelhos dizem outra coisa. “O Senhor é meu pastor...” É uma metáfora recorrente.

— Antiga — rebateu ele. — Uma metáfora antiga e defasada.

De repente, o lobo se pôs em alerta. Descobri por quê. Da floresta, abaixo da colina, saíra um grupo de outros lobos. A alcateia ficou à espera dele.

— Vou indo — disse Jesus.

— Mestre, preciso falar contigo.

A ferida na minha mão ardia um pouco.

— Fique — pedi.

— Outro dia — respondeu. — Hoje, não.

Dizendo isso, foram, ele e o lobo desgarrado, ao encontro do bando que os esperava. Todos sumiram na floresta.

VI.

Topei, outra vez, com Jesus. Ele caminhava apressado.

— Mestre, espere. Aonde vai com tanta pressa?

Não me ouviu. Continuou, apertando o passo. “Até parece que vai tirar o pai da forca”, pensei. Foi aí que Jesus parou. Voltou-se:

— Judas não é meu pai — respondeu-me, sério.

Teria lido meu pensamento? Fiz outra pergunta:

— Posso ir contigo?

— Não. Você faz muitas perguntas.

* * *

WILSON GORJ (SÃO PAULO) – Contista e Editor. Publicou o seu primeiro livro em 2007, com o título “Sem contos longos”, composto por cem micronarrativas. Em 2010 lançou o “Prometo ser breve”, pelo selo 3×4, voltado a microficcões, do qual foi o idealizador e editor durante mais de dois anos. “Histórias para ninar dragões”, o seu terceiro livro, saiu em 2012 pelo mesmo selo minimalista. Atualmente é colunista do “Jornal O Lince” e editor pela Penalux, editora fundada pelo próprio autor em parceria com o poeta Tonho França.